

FEMINISMO EM MOVIMENTO



CADERNO DE APRESENTAÇÃO DA
MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES

FEMINISMO EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!

Este caderno apresenta um panorama da história da Marcha Mundial das Mulheres a partir dos processos que marcaram sua construção, especialmente no Brasil, em diálogo com o acúmulo de análises e ações das mulheres em movimento. A Marcha Mundial das Mulheres é um movimento feminista internacional, com atuação em mais de 60 países. Estamos em marcha permanente pela autonomia econômica das mulheres, pela paz e desmilitarização, pelos bens comuns e a natureza e pelo fim da violência contra as mulheres

Mudar o mundo e mudar a vida das mulheres em um só movimento. Igualdade para todas. Fortalecimento de espaços coletivos das mulheres: populares, autônomos e diversos. Ações com criatividade para enfrentar o capitalismo patriarcal, racista e lesbofóbico. Construção de alianças com os movimentos sociais em luta para transformar o mundo. Vincular o trabalho permanente em âmbito local com os temas e processos globais. Solidariedade e internacionalismo.

São estas as principais características que levaram à construção da Marcha Mundial das Mulheres como um movimento permanente no Brasil e em todo o mundo.

Esse texto está organizado a partir dos registros, notícias e relatos de nossas agendas, ações e elaborações enquanto movimento, que se atualizam a partir de nossos processos e práticas políticas.

NOSSOS PRINCÍPIOS E PROCESSOS

Na Marcha vivemos a diversidade não apenas do ponto de vista internacional, mas também entre as próprias brasileiras. Somos tão diferentes e tão iguais. Temos uma identidade política construída

cotidianamente através de um processo simbólico contínuo. A música nos une, mesmo com a variedade de letras compostas por cada país. Colocamos o logotipo em nossas roupas, e quando vemos esse símbolo sabemos que ali tem gente lutando para transformar o mundo.

Aprendemos a envolver um grande número de mulheres que chegam com suas histórias de vida e militância, demos conta de promover uma interação e aprendizagem mútua e, a partir disso, construir novas sínteses e pontos de partida na busca de uma utopia comum, no que queremos vir a ser. Nossa unidade se dá através da ação. Todas as mulheres marcham, se organizam e estão nas ruas,



Elaine Campos

nos enfrentamentos. E assim criamos uma relação de confiança entre nós.

Compreendemos que a igualdade só existirá de fato se alcançar o conjunto das mulheres. Por isso nos definimos como um movimento feminista anticapitalista e antirracista, enfrentando o conjunto das formas de opressão e discriminação que vivem as mulheres em relação à sexualidade e à idade. ■

SOMOS TODAS FEMINISTAS!

Para nós, não existe uma separação ou hierarquia entre um movimento de mulheres e um movimento de feministas. É a partir de um forte movimento de base, popular, do campo e da cidade que poderemos construir uma prática feminista que seja parte das lutas por mudanças. Com a participação, formação e radicalização, o conjunto das mulheres vai incorporando de forma mais consciente e explícita o feminismo.

A experiência feminista é de construção de uma nova identidade coletiva das mulheres e de seu reconhecimento como sujeitos. Isso significa também forjar uma nova subjetividade, de desmercantilização da sexualidade e de autonomia. E é como parte dessa visão que o feminismo se posiciona sobre a necessidade de coerência entre vida privada e pública, e de construção de novas relações. A existência de contradições entre o que defendemos na esfera pública e nossa vida pessoal, nosso cotidiano, precisa ser reconhecida e enfrentada de forma crítica. ■

Elaine Campos



Arquivo MMM



Arquivo MMM



SE CUIDA, SE CUIDA SEU MACHISTA: A AMÉRICA LATINA VAI SER TODA FEMINISTA!

Questionamos as estruturas do atual modelo. A utopia do feminismo anticapitalista aponta para a construção de novas práticas que buscam superar as falsas



dicotomias, que opõem razão e emoção, objetivo e subjetivo, público e privado.

Fazem parte da estratégia da Marcha ações com muita criatividade que partem da experiência concreta e do conhecimento das mulheres. É fundamental a utilização de outras formas de expressão, para além da linguagem verbal. A combinação das práticas de educação popular e dos grupos de reflexão feminista é a base para a construção da MMM.

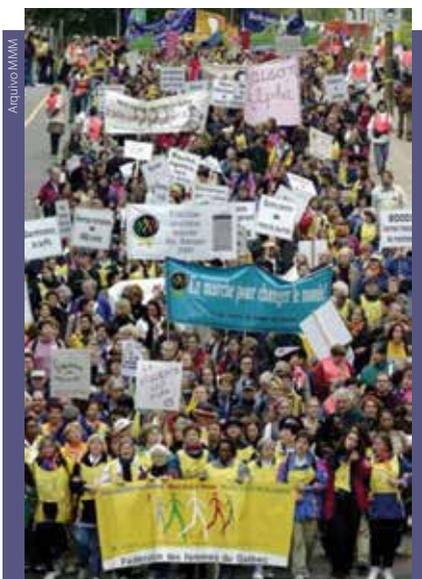
Não só a globalização de nossas lutas, mas também a construção de uma força mundial, com ações enraizadas em cada local, poderá ser capaz de garantir um processo emancipatório irreversível. ■

MULHERES EM MARCHA: ANOS 90

A inspiração para a criação da Marcha Mundial das Mulheres (MMM) partiu de uma manifestação realizada em 1995, em Quebec, no Canadá, quando 850 mulheres marcharam 200 quilômetros, pedindo, simbolicamente, “Pão e Rosas”. No final desta ação, diversas conquistas foram alcançadas, como o aumento do salário mínimo, mais direitos para as mulheres imigrantes e apoio à economia solidária.

As mulheres do Quebec buscaram contatos com organizações em vários países para compartilhar essa experiên-

cia e apresentar a proposta de criar uma campanha global de mulheres. O primeiro contato no Brasil foi com as mulheres da Central Única das Trabalhadoras e Trabalhadores (CUT). Foram elas que marcaram as reuniões para discutir a proposta e definir as representantes brasileiras para o primeiro encontro internacional da MMM, que aconteceu em 1998, em Quebec, e teve a participação de 145 mulheres de 65 países e territórios. Nesse encontro foi elaborada uma plataforma com 17 reivindicações para a eliminação da pobreza e da violência contra as mulheres. E ali foi convocada a Marcha Mundial das Mulheres como uma grande campanha a ser desenvolvida ao longo do ano 2000. ■





1ª AÇÃO INTERNACIONAL 2000 RAZÕES PARA MARCHAR CONTRA A POBREZA E A VIOLÊNCIA SEXISTA

A convocatória para a campanha realizada no ano 2000 teve um largo alcance e deu origem à construção da MMM como um movimento internacional. A ação mobilizou milhares de grupos de mulheres em mais de 150 países e territórios, em atividades de educação popular e manifestações públicas de apoio às 17 reivindicações mundiais.

No Brasil, entre 8 de março e 17 de outubro, foram realizadas atividades em todos os estados. O grande momento nacional desta ação foi a realização da Marcha das Margaridas, proposta pelas mulheres da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (Contag). O nome desta Marcha, uma referência a Margarida Alves, tornou visível a trajetória de lutas das mulheres rurais que, desde os anos 1980, atuam de forma organizada no Brasil.

As mobilizações desta ação internacional culminaram em 17 de outubro,



A Marcha das Margaridas reuniu 20 mil mulheres em Brasília, em agosto de 2000.

dia de luta pela erradicação da pobreza, com marchas simultâneas em 40 países, e atos em frente à sede do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, em Washington, nos Estados Unidos. As mulheres denunciaram os efeitos devastadores do neoliberalismo em seus países e em suas vidas. Em um ato simbólico em frente à sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, foram apresentadas mais de 5 milhões de assinaturas recolhidas em apoio às demandas da Marcha. Logo após esse ato público, as delegadas de diferentes países se reuniram no 2º Encontro Internacional da MMM e ali decidiram que era necessário continuar o movimento. ■

É O QUERER DAS MARGARIDAS

Desde 2000 até agora, já aconteceram 5 Marchas das Margaridas. É a maior manifestação de mulheres rurais da América Latina. As principais bandeiras das mulheres dos campos, das águas e das florestas são: justiça social, democracia, autonomia, igualdade e liberdade.

As Margaridas elaboram plataformas políticas pautando: reforma agrária; soberania alimentar; valorização do trabalho das mulheres; direitos trabalhistas, sociais e previdenciários; valorização do salário mínimo; educação e saúde pública no campo; combate à violência; agroecologia e sustentabilidade; economia solidária etc.

Em 2019, a Marcha das Margaridas tem sua 6ª edição. A Marcha acontece em agosto, mas sua preparação e mobilização se inicia muitos meses antes, em um processo amplo e contínuo por todo o país. A Margarida que os poderosos quiseram calar espalhou sua semente.



Helena Zélic

Fernanda Estima



Simone Bruno



“COM ESSA MARCHA MUITA COISA VAI MUDAR”: UM MOVIMENTO PERMANENTE

Aqueles eram tempos de pensamento único, o neoliberalismo era fortemente hegemônico e parecia não haver alternativa. As mulheres propuseram ir além do possível e ousaram seguir atuando juntas para construir a Marcha Mundial das Mulheres como um movimento permanente, uma consequência das novas forças e sinergias mobilizadas em cada local.

Desde então, a MMM desenvolveu um método para a definição de consensos e uma forma de atuação que implica a construção permanente da relação entre o local, o nacional e o internacional. A preparação das ações internacionais, a cada cinco anos, marca processos de sínteses políticas da nossa plataforma. ■

EM ALIANÇA PARA MUDAR O MUNDO

A construção de alianças com outros movimentos sociais é um princípio que caminha junto com nossa auto-organização em um movimento autônomo de mulheres.

O Fórum Social Mundial foi um processo central nessa construção. Desde sua primeira edição, em 2001, já afirmávamos: “o outro mundo possível” que queremos construir também precisa ser feminista para que homens e mulheres sejam livres e iguais. A MMM passou a se articular de forma crescente e convergente com outras organizações e movimentos sociais. Entre estes, estão a Rede Latino-americana Mulheres Transformando a Economia (REMTE), a Via Campesina e Amigos da Terra Internacional. Essas articulações se ampliaram na Assembleia dos Movimentos Sociais, que impulsionou lutas e campanhas comuns, como na luta contra a guerra e o livre comércio. Nossas agendas vão se “contaminando” umas com as outras e, nessa mescla, as organizações se fortalecem e contribuem com as elaborações umas das outras.

Construímos alianças feministas em nossa luta contra a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA), o que nos permitiu consolidar uma visão crítica sobre como o trabalho das mulheres é explorado todo o tempo pelo sistema, que é patriarcal e capitalista. ■



A NOSSA LUTA É TODO DIA! SOMOS MULHERES E NÃO MERCADORIA!

Foi nesse processo que, em 2002, a MMM elaborou a consigna “O mundo não é uma mercadoria! As mulheres também não!”. Depois, veio o grito da batucada feminista: “A nossa luta é todo dia: somos mulheres e não mercadoria!”

Essa posição política tem como ferramentas de luta a mobilização, a ocupação dos espaços públicos, os processos organizativos e enraizamento em nível local. Como parte da recuperação da radicalidade e da rebeldia feminista, a Marcha desenvolveu várias formas de intervenção e comunicação. Ocupar as ruas é uma das características do feminismo da MMM. O sentido político desta ocupação envolve não apenas a visibilidade do nosso movimento, mas também a nossa própria organização e reconhecimento como coletivo. ■

A CAMPANHA CONTINENTAL CONTRA A ALCA

A Campanha contra a ALCA foi um processo de grande mobilização popular que conseguiu derrotar a proposta imperialista dos Estados Unidos para as Américas. A ALCA era um tratado de livre comércio que, na prática, fortalecia os Estados Unidos e suas empresas em toda a região.

A campanha se organizou em todo o continente. A unidade em torno do “não à ALCA” representou a radicalização da luta contra o neoliberalismo e a recusa do livre mercado como paradigma.

As ações e análises feministas sobre o neoliberalismo nesta campanha colocou as mulheres como um sujeito político importante na disputa da agenda econômica, e foi fundamental para a recomposição de um campo feminista e anti-capitalista no movimento de mulheres na América Latina e Caribe.

No Brasil, a MMM convocou, no dia 12 de agosto de 2002, um dia de ação das mulheres contra a ALCA. Entre feiras de informação, apresentações de teatro, panfletagens, oficinas, pintura de painéis, mostra de plantas medicinais e produtos orgânicos, atos públicos e caminhadas, divulgação em rádios, shows e tribunais populares, as ações das mulheres contra a ALCA foram marcadas por criatividade e muita informação, e pela presença feminista nas ruas de 14 estados, denunciando as consequências da ALCA para a vida das mulheres.

Em setembro de 2002, 10.149.542 pessoas participaram do Plebiscito sobre a ALCA, sendo que mais de 95% votou contra a assinatura do acordo. No mesmo Plebiscito, milhões de pessoas votaram contra a concessão da base de Alcântara para os Estados Unidos - que, no início de 2019, o governo de Bolsonaro, em sua postura subserviente, entregou a Trump.

Arquivo MMM



A Campanha Continental contra a ALCA



NO BATUQUE DO TAMBOR!

A Batucada Feminista é um instrumento político de luta que expressa nossa ação feminista. Na MMM, a batucada começou no FSM em 2003, a partir da experiência das mulheres do Rio Grande do Norte. No 8 de março do mesmo ano, a batucada já apareceu em alguns estados. Desde então, somou e inovou uma linguagem própria da MMM.

Com a batucada, buscamos democratizar a fala nas ruas. O ritmo ajuda a gerar concentração, unidade e força nos momentos de ação coletiva. Tocar é uma forma direta de ação política, de levar o feminismo para os olhares e ouvidos da rua, expressando nossas lutas e ocupando plenamente o espaço público.

Latas, mulheres, tambores e baquetas em ritmo contra o machismo. Os instrumentos da batucada são feitos prioritariamente de materiais reci-

clados ou que fazem parte do nosso cotidiano. Quando tocamos na batucada estamos dizendo que queremos outras práticas e que não aceitamos a cultura musical machista e preconceituosa que ouvimos todos os dias. Estamos denunciando o machismo e afirmando nossas alternativas coletivas.

Olhando em retrospectiva, é evidente a influência da política e mesmo da estética da Marcha na configuração do feminismo massivo que tem tomado as ruas em todo o país.





JOÃO, JOÃO, COZINHE O SEU FEIJÃO!

Na sociedade capitalista, racista e patriarcal, a divisão sexual do trabalho se articula com o racismo e com a exploração de classe, criando e reproduzindo hierarquias e desigualdades. A divisão sexual do trabalho separa o trabalho dos homens e o das mulheres, e define que um trabalho vale mais do que o outro. O trabalho dos homens é associado ao produtivo (o que se vende no mercado) e o trabalho das mulheres ao reprodutivo (a produção dos seres humanos e suas relações). As representações do que é masculino e feminino são duais e hierárquicas, assim como a associação entre homens e cultura, e mulheres e natureza. Na Marcha Mundial das Mulheres lutamos para superar a divisão sexual do trabalho e, ao mesmo tempo, pelo reconhecimento de que o trabalho reprodutivo, doméstico e de cuidados está na base da produção do viver. ■

A ECONOMIA NA AGENDA FEMINISTA

A Marcha avançou em análises e propostas tendo como referência a econo-

mia feminista. A economia não é apenas um conjunto de fórmulas e números, mas é integrada por todas as atividades que garantem a produção do viver. A economia vai além daquilo que pode ser medido por valores do mercado, da mesma forma que o trabalho vai além do emprego.

Ao questionar a divisão sexual do trabalho queremos reconhecer e valorizar o trabalho realizado pelas mulheres. O atual modelo econômico reconhece apenas o trabalho realizado na esfera do mercado. E, no mercado, nossa força de trabalho é explorada com menores salários e condições precárias, especialmente entre as mulheres negras.

Lutamos pelo compartilhamento do trabalho doméstico e de cuidados com os homens e o Estado, e por mudanças na organização do mercado de trabalho, com a redução da jornada e a garantia de todos os direitos trabalhistas. Propomos uma economia centrada no bem estar de todas e todos, que valorize e reorganize a reprodução, o trabalho doméstico e de cuidados -, construindo um novo paradigma de sustentabilidade da vida humana. O espaço da REF



(Rede Economia e Feminismo) foi fundamental para esse processo coletivo de elaboração política.

Mais do que uma proposta teórica, a economia feminista é uma ferramenta política para construir, na prática, alternativas ao modelo hegemônico. Com a auto-organização das mulheres, fazemos uma economia solidária e feminista, tra-

zendo novos sentidos para as práticas de autogestão e solidariedade. As mulheres colocam a reprodução da vida na agenda política da economia solidária. Nos espaços de encontro e ações da MMM, por todo o país, nos organizamos para dar visibilidade a essa outra forma de organizar a economia, garantindo espaços de comercialização e debate político. ■

A CAMPANHA PELA VALORIZAÇÃO DO SALÁRIO MÍNIMO

A autonomia econômica das mulheres é uma condição para transformar a vida das mulheres. Mas a autonomia não é apenas uma conquista individual e passa por mudanças na economia como um todo.

Por isso, em 2003, a Marcha do Brasil iniciou uma Campanha pela Valorização do Salário Mínimo, como uma estratégia para distribuir a renda, combater a pobreza, diminuir as desigualdades salariais entre homens e mulheres, brancos e negros.

A campanha propunha dobrar o valor do mínimo em quatro anos, promovendo a cada ano um reajuste integral da inflação mais um aumento de 19% em seu valor. Depois, numa segunda etapa, elevar o salário para R\$ 730,00 (em 2006). O cálculo para chegar a esse valor foi a divisão de 60% do PIB (Produto Interno Bruto) pelo número dos e das que trabalham com remuneração – descontando do total as crianças de 10 a 14 anos. Essa



porcentagem é equivalente à dos países onde há uma distribuição de renda mais justa. Ou seja, em nações com uma concentração de renda menor que a nossa, o valor do salário mínimo corresponde à divisão de 60% do PIB desses países pelo total de trabalhadores.

Durante os governos Lula e Dilma, uma política de valorização do salário mínimo foi implementada. Ainda que com valores abaixo da proposta da Marcha, a valorização do salário mínimo contribui muito para o enfrentamento a pobreza e para melhorar as condições de vida da classe trabalhadora.



CONTRA A POBREZA E A OPRESSÃO DO CAPITALISMO PATRIARCAL: VAMOS PROVOCAR UMA REVOLUÇÃO MUNDIAL!

A luta para mudar o mundo e mudar a vida das mulheres se dá como parte de um só movimento. Não basta identificar que os impactos deste sistema são piores para as mulheres. Partimos de uma análise de que o capitalismo faz uso de estruturas patriarcais no seu processo de acumulação, que avança sobre os territórios, o trabalho e o corpo das mulheres. Não buscamos apenas diminuir impactos negativos deste modelo na vida das mulheres, mas sim organizamos uma luta para transformar as estruturas que organizam todas as relações de desigualdade e poder.

Buscamos recolocar a luta anticapitalista e antipatriarcal no momento em que o movimento de mulheres estava sob a hegemonia da despolitização do conceito de gênero, em meio a um processo de institucionalização e de perda de radicalidade.

A Marcha consolidou em sua estratégia um feminismo não institucionalizado e militante. Isso porque recusamos a orga-

nização a partir de agendas fragmentadas e articulamos as dimensões, de classe, gênero e raça, em uma luta anti-sistêmica. Explicitamos em nossas ações que, enquanto se reconheciam os direitos das mulheres nas declarações das conferências da ONU, o mercado reorganizava a vida das mulheres em nossos países, aprofundando a violência e a exploração do trabalho das mulheres. ■

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NÃO É O MUNDO QUE A GENTE QUER!

A violência contra a mulher é estruturante do patriarcado. A ideia geral sobre a violência contra as mulheres é que se trata de uma situação extrema ou localizada, envolvendo pessoas individualmente. Mas, na verdade, ela nos toca a todas, pois todas já tivemos medo, mudamos nosso comportamento, limitamos nossas opções pela ameaça da violência. Apesar de ser mais comum na esfera privada, como violência doméstica, a ameaça, o medo da violência ou a violência em si são utilizados para excluir as mulheres do espaço público.

As leis e medidas punitivas são necessárias, mas insuficientes para acabar



Ação pela punição de integrantes da banda New Hit, acusados de estuprar duas adolescentes

com essa realidade. É necessário pautar de forma permanente o enfrentamento à violência a partir da auto-organização das mulheres, do compromisso político dos movimentos sociais e do Estado com a erradicação da violência sexista.

Para organizar o enfrentamento à violência, atualizar e visibilizar esse debate, fizemos em 2017 uma campanha nacional chamada “Sem culpa, nem desculpa! Mulheres livres da violência”. O título é resultado da reflexão coletiva de que não somos as culpadas pela violência contra nós e não há desculpa para justificar a agressão dos homens. Para a campanha, publicamos diversos materiais de formação e reflexão e organizamos atividades de discussão em várias partes do país. Nossa estratégia para combater a violência é fortalecer a autonomia e a auto-organização das mulheres. ■

MUDAR O MUNDO PARA MUDAR A VIDA DAS MULHERES PARA MUDAR O MUNDO

O capitalismo incorporou a dominação patriarcal como estruturante de seu modelo econômico e de suas práticas,

tendo como base a divisão sexual do trabalho, o controle sobre o corpo das mulheres, a imposição da família patriarcal e da heteronormatividade como modelos. O capitalismo também incorporou o racismo e o utiliza inclusive para organizar uma hierarquia e desigualdade entre as mulheres, mesmo no interior da classe trabalhadora.

A globalização criou uma dualidade entre as mulheres: pela primeira vez na história do capitalismo, algumas mulheres tiveram acesso ao capital por elas mesmas, e não apenas em função de suas relações de parentesco e herança como filhas ou esposas. Há uma parte muito pequena das mulheres em profissões valorizadas como advogadas ou médicas, ao mesmo tempo em que, para a grande maioria, o trabalho remunerado é precário e sem direitos, e o trabalho não remunerado, doméstico e de cuidados, se intensificou com a diminuição dos direitos sociais no neoliberalismo.

A crítica à mercantilização nos possibilitou refletir sobre as conexões entre



OFENSIVA CONTRA A MERCANTILIZAÇÃO DO CORPO E DA VIDA DAS MULHERES

As jovens da MMM se colocaram como objetivo articular e intensificar as ações que já eram realizadas nos estados. Sua estratégia inclui a reflexão e elaboração de ações feministas contra o machismo na sociedade de mercado e se materializa em colagem de cartazes, intervenção em cartazes publicitários, ações de rua com batucada, debates sobre letras de música, publicidade na TV, revistas e padrões de beleza.

A ofensiva, lançada em 2004 como uma ação permanente, organizou uma crítica ao controle do corpo e da sexualidade das mulheres pelo mercado, entendendo que este é também um dos pilares de sustentação do patriarcado. Questionamos a naturalização e idealização do "ser mulher", que impõe um padrão de mulher que é branca, flexível, plastificada, feliz e mãe. Para alcançar este modelo, as farmácias vendem livremente medicamentos de laboratórios transnacionais que prometem alívio imediato e soluções milagrosas para adequar nossos corpos e comportamentos às exigências da sociedade machista em geral, e dos homens em particular.

Carolina Caleffi



Intervenção direta em outdoors, na Av. Paulista, em São Paulo, como parte das ações do 17 de outubro de 2004.

Carolina Caleffi



globalização, empresas transnacionais e o controle sobre o trabalho, os corpos e os territórios. Por exemplo, as mesmas transnacionais que atuam em tecnologias baseadas no controle do corpo e

da reprodução também atuam na produção de sementes transgênicas. Existe, ainda, uma conexão entre o aumento da militarização e controle dos territórios com a violência racista e sexista. ■



2ª AÇÃO INTERNACIONAL MULHERES EM MOVIMENTO MUDAM O MUNDO!

Para a ação de 2005, elaboramos a Carta Mundial das Mulheres

para a Humanidade após um amplo debate e construção coletiva de uma posição comum entre mulheres, com diferentes experiências e culturas políticas.

A Carta apresenta o mundo que queremos construir, baseado em cinco valores: liberdade, igualdade, solidariedade, justiça e paz.

No dia 8 de março de 2005, durante uma passeata com a participação de 30 mil mulheres de todo o Brasil em São Paulo, a Carta iniciou sua viagem ao redor do mundo. Até 17 de outubro, ela passou por 53 países e territórios. Nestes países, as Coordenações Nacionais da Marcha expressaram as suas lutas e propostas em um retalho de tecido. Estes retalhos foram sendo costurados em uma Colcha da Solidariedade, que foi concluída na última parada em Ouagadougou, Burkina Faso,



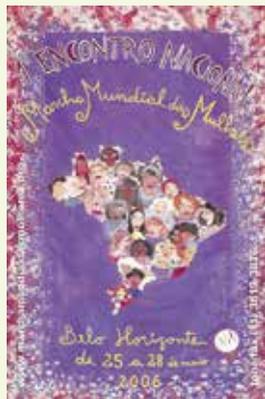
um dos países mais pobres do mundo. Enquanto isso, ações foram realizadas em 17 de outubro, ao meio-dia, em cada meridiano, em uma vigília de 24 horas de Solidariedade Feminista. A “onda” começou nas ilhas do Pacífico (Nova Caledônia, Samoa e outras), foi para a Ásia, Oriente Médio, África e Europa simultaneamente, terminando nas Américas. ■

08 de março é uma data muito importante para nós mulheres. Como dia de luta, é resultado da articulação internacionalista das mulheres socialistas. E marca um momento histórico do qual temos muito orgulho, que é a organização das mulheres revolucionárias russas por pão e paz, em manifestações que deram potência ao processo da revolução de 1917.

É um dia em que estamos sempre nas ruas, visibilizando o caráter de luta da data e a nossa ideia feminista de sociedade. Costuma ser, também, o primeiro grande ato do ano, onde as feministas colocam pautas que são urgentes da sociedade, e que continuarão aparecendo nas mobilizações posteriores. Em nossa organização, o 8 de março não começa nem acaba em si: sua preparação nos bairros, praças, escolas e roçados mobiliza as mulheres para a luta diária e permanente; e, depois do ato, o movimento se fortalece para atuar durante todo o ano.]

1º ENCONTRO NACIONAL

O 1º Encontro Nacional da MMM aconteceu entre 25 e 28 de agosto de 2006, em Belo Horizonte, reunindo 500 mulheres. Com uma programação que mesclou formação política, debates estratégicos e intercâmbios de práticas feministas, o Encontro teve o papel de fortalecer a auto-organização das militantes brasileiras e preparar para o desafio de assumir a tarefa de coordenar o Secretariado Internacional da Marcha. A transferência do Secretariado Internacional do Quebec para o Brasil havia sido definida um mês antes, no 6º Encontro Internacional da MMM, no Peru.



ESSA HIPOCRISIA GERA HEMORRAGIA!

O aborto é um direito fundamental para as mulheres decidirem sobre suas vidas e garantir o livre exercício da sexualidade. Lutamos pela legalização do aborto, ou seja, para que a interrupção de uma gravidez indesejada não seja crime e que esse direito seja garantido pelo serviço público de saúde, gratuitamente.

Desde 2008, vivemos uma ofensiva de criminalização do aborto no Brasil, baseada numa visão misógina das mulheres como seres moralmente incapazes de tomar uma decisão consciente sobre

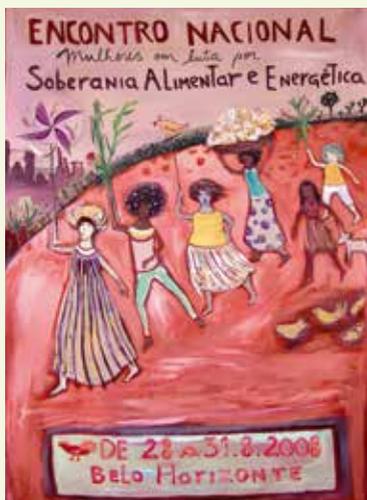
um processo central em suas vidas. Em conjunto com vários coletivos e organizações, a Marcha no Brasil participou da criação da Frente Nacional contra a Criminalização das Mulheres e pela Legalização do Aborto, uma resposta organizada à ofensiva dos setores conservadores que se expressou no fechamento de clínicas clandestinas e na perseguição e condenação de mulheres que recorreram à prática do aborto.

Hoje, a Frente é um espaço de convergência de vários setores do movimento feminista, já organizou ações (como a Virada Online Pela Legalização do Aborto e o Festival pela vida das mulheres), atos (o 28 de setembro, Dia Latino-americano e Caribenho de Luta pela Legalização do Aborto, é um dia de estar nas ruas) e um dossiê que expõe o processo de criminalização do aborto entre 2007 e 2014.

Na luta pela autonomia e direito ao aborto, afirmamos que a maternidade deve ser uma decisão livre e desejada e não uma obrigação das mulheres, e que nenhuma mulher deve ser presa, maltratada ou humilhada por ter feito aborto. ■



EM LUTA POR SOBERANIA ALIMENTAR



A Soberania Alimentar é o direito dos povos, países ou união de Estados de definir suas políticas agrícolas e alimentares e proteger sua produção e cultura alimentar. Esse conceito articula lutas pelo acesso à terra, água, sementes e condições de produção, usando práticas agroecológicas. Am-

plia-se no diálogo com os povos indígenas, que aportam a noção de território, e nos instiga a construir uma agenda em torno do tema da reprodução, concebida como um assunto de todos, não somente das mulheres. Cada vez mais se reconhece o trabalho e conhecimento das mulheres na produção de alimentos desde a agricultura até seu preparo e conservação em casa, em grupos comunitários e cantinas escolares.

Em conjunto com a Via Campesina, Amigos da Terra Internacional, entre outras organizações, foi organizado em 2007 o Fórum Nyéleni de Soberania Alimentar, em Selingué, no Mali. Foram realizadas oficinas preparatórias no Brasil e América Latina com mulheres camponesas, pescadoras e também urbanas para aprofundar uma visão feminista sobre a soberania alimentar.

Arquivo MMM





Arquivo MMM

MULHERES LIVRES, POVOS SOBERANOS

A defesa da autonomia das mulheres e da soberania dos povos orienta a construção de alternativas ao modelo de produção, reprodução e consumo capazes de gerar igualdade. Em agosto de 2008, as mulheres da MMM e da Via Campesina Brasil organizaram o Encontro Nacional de Mulheres em Luta por Soberania Alimentar e Energética. Esse foi um momento no qual afirmamos a crítica à concepção de desenvolvimento baseada na ideia de crescimento econômico ilimitado, onde o mercado e o lucro privado são priorizados em detrimento da dignidade e sustentabilidade da vida. As mais de 500 mulheres urbanas e rurais presentes deram visibilidade às alternativas construídas em práticas populares nos territórios, pautadas pela afirmação da agroecologia como projeto político para alcançar a Soberania Alimentar, pela defesa do direito dos povos ao território e bens comuns e pela igualdade como princípio organizador da sociedade. ■

SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA!

A Marcha Mundial das Mulheres participa da construção do GT de Mulheres da Associação Nacional de Agroecologia (ANA), que organiza os Encontros Nacionais de Agroecologia (ENA). Até agora foram 4 edições do ENA e, através da luta das mulheres, cada vez mais o feminismo aparece nesse espaço como elemento crucial para a prática da agroecologia.

A agroecologia se propõe a atuar no enfrentamento da exploração das grandes empresas sobre os territórios, na produção e consumo de alimentos saudáveis a partir do uso e manejo sustentável dos agroecossistemas e na promoção de relações justas, igualitárias e equilibradas entre as pessoas e a natureza. Para modificar as relações, é preciso que a agroecologia se some na luta feminista para alterar a divisão sexual do trabalho, valorizando e reconhecendo as atividades produtivas e reprodutivas das mulheres, e, mais do que isso, buscando diminuir a sobrecarga de trabalho das mulheres, com o compartilhamento do trabalho doméstico e de cuidados.

Helena Zelic



FEMINISMO TRANSFORMANDO A UNIVERSIDADE

Uma das grandes contribuições que o movimento feminista traz ao movimento estudantil é a proposta e a vivência de uma nova forma de organização e socialização.

A partir de 2003, a diretoria de mulheres da UNE cumpre um papel importante no fortalecimento do feminismo nas universidades brasileiras, e o Encontro de Mulheres Estudantes da UNE (EME-UNE) é um momento chave para essa organização. Desde o primeiro EME, em 2005, as militantes da MMM contribuem para essa construção. Naquele ano, o Encontro antecedeu o 8 de março que lançou a Carta das Mulheres para a Humanidade, o que possibilitou a participação das estudantes nessa manifestação histórica.

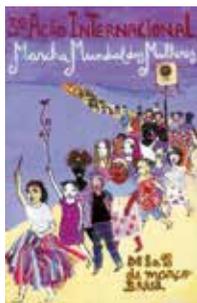
Desde então, se ampliou o acesso às universidades, ao mesmo tempo em que surgiram e cresceram os coletivos e

núcleos feministas pelas universidades do país, que atraem mulheres para atuar no combate ao machismo no movimento estudantil e na vida universitária. Até 2019, foram realizados 7 EMEs, e a cada edição o número de mulheres participantes marca um novo recorde.

O EME é um espaço importante para proporcionar encontros e trocas entre jovens de diversas partes do país, e também para organizar a agenda de luta das mulheres estudantes, sempre tendo em vista que o machismo na universidade não está desconectado das estruturas do capitalismo patriarcal e racista. Hoje em dia, as mulheres estudantes já avançaram muito em temas como o assédio e a violência nas universidades e a maior participação em espaços políticos. Mas, diante da conjuntura de retrocessos e de avanço do neoliberalismo, têm uma grande tarefa: garantir que as universidades estejam livres da precarização, privatização, elitização e mesmo da censura e perseguição política! ■

Helena Zelic





3ª AÇÃO INTERNACIONAL SEGUIREMOS EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES

A Terceira Ação Internacional foi realizada em 2010. No Brasil, 3 mil mulheres marcharam entre as cidades de Campinas e São Paulo. Os quatro campos de ação: Trabalho e autonomia econômica das mulheres; violência; bens comuns e serviços públicos; e paz e desmilitarização – concretizaram a plataforma da MMM.

Esta ação teve três focos: expressar demandas nacionais por meio de marchas e/ou caravanas; marcar o 100º aniversário do Dia Internacional de Luta das Mulheres, por meio da recuperação da história de mulheres lutadoras; amplificar a voz das mulheres que sofrem violência em situações de conflito armado, e apoiá-las em seus esforços para expor as causas dos conflitos e encontrar soluções para superá-las. Mais de 100 mil mulheres de 75 países participaram em ações nacionais, regionais e internacionais.

A grande contribuição desta ação foi convidar as mulheres de todos os países a refletir sobre a militarização da vida cotidiana e sua relação com o modelo capitalista e patriarcal, bem como a visibilizar os interesses que existem por trás dos conflitos. O eixo paz e desmilitariza-

ção marcou as ações regionais na Turquia, especialmente pela contribuição das mulheres dos Bálcãs e das curdas, nas Filipinas e na Colômbia, onde ocorreram mobilizações diante das bases militares dos Estados Unidos. O ato de encerramento da ação em Bukavu, na República Democrática do Congo, foi uma experiência única da diplomacia popular e da solidariedade internacional. Dez anos após a entrega das 17 demandas internacionais à ONU, a MMM questionou esta instituição no terreno em que atua, afirmando que os direitos das mulheres inscritos em convenções, tratados e resoluções da ONU só fazem sentido quando são reais para todas as mulheres do mundo. ■

João Zinclar



João Zinclar



Alojamento na ação internacional de 2010

PARA O FEMINISMO, O CAPITALISMO NÃO TEM ECO!

O novo discurso capitalista, que hoje se traduz nas propostas da “economia verde”, é o mesmo que mercantiliza nossas vidas, nossos corpos e nossos territórios. Resistimos à utilização da natureza como um recurso a serviço do lucro de empresas, visto como inesgotável ou como mercadorias mais caras à medida que se esgotam, pela má utilização.

A experiência de invisibilidade e desvalorização do trabalho das mulheres no cuidado das pessoas é muito similar ao que acontece com a natureza. O tempo e a energia de cuidar das pessoas, que inclui desde o preparo da comida e a realização das tarefas de manutenção da casa até a disponibilidade para a escuta, não são visíveis e são elásticos. As mulheres são as primeiras a se levantar e as últimas a dormir na maioria das famílias. O tempo e a energia dos processos de regeneração da natureza são ocultados e tratados como impedimentos a serem superados para que a máquina do consumo funcione a todo vapor. As mulheres continuam sendo pressionadas para ajustar lógicas e tempos opostos – o da vida e o do lucro- assumindo a sobrecarga de trabalho que a tensão entre essas esferas gera.

A luta feminista por um novo paradigma de sustentabilidade da vida amplia a visão sobre a sustentabilidade ambiental que, muitas vezes, não incorpora as relações humanas como parte dos conflitos e relações de poder que devem ser alteradas.

Desde a articulação da Cúpula dos Povos na Rio+20, a resistência à mercantilização e financeirização da natureza ganhou cada vez mais relevância, principalmente porque as propostas do capitalismo verde se ampliaram em nosso país e no mundo. Nosso acúmulo na crítica à economia verde e na defesa dos comuns nos orientam nas articulações com os movimentos sociais por justiça climática e ambiental. Em 2018, o Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA) foi um ponto de encontro que unificou a luta contra a apropriação privada da água, dos bens comuns e dos serviços públicos. ■

Arquivo MMM



Arquivo MMM



Arquivo MMM





PALESTINA LIVRE!

Em 2012, a MMM participou da organização do Fórum Social Palestina Livre, em Porto Alegre. O maior número de refugiados do planeta é formado por palestinos e palestinas, que ocupam hoje apenas 2% de seus territórios originais. A ação do Estado genocida de Israel conta com a conivência, apoio e financiamento de outros Estados poderosos como os Estados Unidos e gera muito lucro para a indústria armamentista. Ser militante, neste contexto, é um processo que altera profundamente a vida de cada uma das mulheres. A repressão, a prisão e até a tortura estão no horizonte de quem decide resistir a essa ocupação violenta e lutar pela Palestina livre.

O Fórum foi um espaço fundamental para conhecer a realidade e a experiência das nossas companheiras palestinas, e para fortalecer na MMM do Brasil a solidariedade ativa com esta luta. ■

24 HORAS DE SOLIDARIEDADE

O que motiva nossa solidariedade internacional é a compreensão de que todas compartilhamos uma história e uma situação de opressão, ainda que esta se

manifeste de diferentes formas em cada país, território ou região.

Uma ação que organizamos internacionalmente chama-se 24 horas de Solidariedade Feminista. Contra o poder das empresas transnacionais que exploram o corpo e o trabalho das mulheres em todo o mundo, vamos às ruas no dia 24 de abril, data de solidariedade internacional que marca o dia do desabamento do edifício Rana Plaza, em Bangladesh. O edifício era uma indústria têxtil que produzia roupas para muitas marcas famosas às custas do trabalho precário das mais de mil mulheres que ficaram feridas ou perderam suas vidas.

Por isso, nesse dia, as militantes da Marcha Mundial das Mulheres saem às ruas nos cinco continentes, das 12h às 13h, em uma ação que acompanha o ciclo do sol, do Oceano Pacífico ao Atlântico, totalizando 24 horas de solidariedade e denúncia das empresas transnacionais.

Já em 2012, antes da tragédia de Bangladesh, a Marcha Mundial das Mulheres realizou a ação das 24 horas. No Brasil, realizamos ações de solidariedade com as companheiras da Chapada do Apodi,

Arquivo MMM



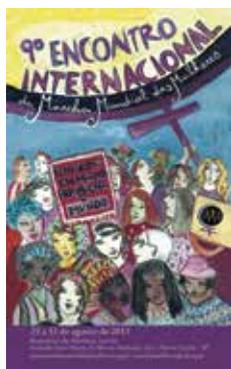
na região Nordeste, que resistem ao agro e hidronegócio em seus territórios.

Em 2014, aderimos à Campanha Roupas Limpas, que exerce pressão junto às marcas transnacionais para que depositem a parte que lhes cabe do seu fundo de apoio às vítimas do acidente, e a Marcha de Bangladesh, Turquia e Filipinas fizeram manifestações. Em 2015, com as tags #QuemFezSuaRoupa e #VidasPrecárias, fizemos ações dentro do Wal Mart, supermercado que comercializa roupas produzidas a partir de trabalho escravo. Nesse dia, denunciemos a proposta de terceirização irrestrita do trabalho no Brasil, que depois foi ampliada com a reforma trabalhista. Em 2017, algumas cidades organizaram rodas de conversa e panfletagens, e aconteceu um debate nacional online, que colocou nossa crítica ao militarismo e às suas expressões no Brasil. Em 2018, ocupamos a Riachuelo, marca de roupas que apoiou o golpe e a Reforma Trabalhista e já foi denunciada por trabalho análogo à escravidão. ■

COLETIVO DE COMUNICADORAS

O coletivo de comunicadoras é um grupo nacional de mulheres que debate e produz a comunicação da Marcha Mundial das Mulheres. O coletivo foi criado a partir da experiência de comunicação colaborativa construída durante o 9º Encontro Internacional da Marcha. Nos nutrimos das experiências da convergência de comunicação dos movimentos sociais em espaços de alianças, onde construímos práticas contra-hegemônicas de comunicação popular.

No coletivo, somos todas comunicadoras: algumas são especialistas no assunto, outras não, mas o importante é que todas somos capazes de produzir comunicação. Nossa comunicação se esforça para mostrar a diversidade da Marcha: regional, geracional, política, a diversidade do campo e da cidade. Queremos construir uma comunicação popular, sem cercas, que colabore para integrar redes, ruas e roçados.



9º ENCONTRO INTERNACIONAL DA MARCHA

A realização do 9º Encontro Internacional da Marcha Mundial das Mulheres no Brasil tem uma grande relevância política para pensar o combate às

opressões que ameaçam a vida das mulheres e dos homens.

O Encontro reuniu 1300 mulheres vindas de dezenas de países e também de

diversas partes do Brasil. Além de refletir sobre as trajetórias do feminismo neste continente, as conferências realizadas no Encontro aprofundaram o debate sobre o avanço do capital sobre os territórios, trabalho e corpo das mulheres ao redor do mundo. Foi um dos objetivos do Encontro debater a contribuição da Marcha para reposicionar o feminismo em um campo político que tem como horizonte a superação do capitalismo patriarcal, racista e LGBTfóbico. O último dia do encontro foi marcado por uma grande mobilização internacional, que sintetizou, nas ruas de São Paulo, a política construída pela MMM. ■

AÇÃO INTERNACIONAL DE 2015

Em 2015, a estratégia da Ação Internacional no Brasil foi diferente de 2010, que reuniu 3 mil mulheres em uma grande marcha nacional. Nesse ano, a escolha foi descentralizar a Ação pelos estados e regiões brasileiras. Isso colaborou na mobilização por reivindicações locais das mulheres em seus territórios.

A 4ª Ação no Brasil resultou em um mapa das resistências e alternativas, construído coletivamente pelas militantes. O mapa evidencia a trajetória da Ação no Brasil, as reivindicações colocadas e a necessária ligação entre todas elas, de norte a sul, por um feminismo plural, diverso e combativo.

Com os eixos do trabalho, do corpo e dos territórios das mulheres, os comitês estaduais da MMM trabalharam a partir das pautas urgentes em suas realidades: o combate à violência em Pernambuco, Paraíba, Ceará e Alagoas, a luta pela desmilitarização no Rio de Janeiro, o fortalecimento da auto organização no Tocantins, a defesa da água e dos bens comuns, contra a exploração das mineradoras em Minas Gerais, a luta contra o agronegócio e o genocídio indígena no Mato Grosso do Sul, pela autonomia econômica em São Paulo, pela legalização do aborto no Rio Grande do Sul e pela agroecologia e cultura feminista no Rio Grande do Norte. ■



VIDAS NEGRAS IMPORTAM!

A luta antirracista é essencial para a luta feminista e anticapitalista: uma não funciona sem a outra. Por isso, faz parte da nossa agenda feminista a luta pelo povo negro vivo, pela desmilitarização nas periferias, pelo fim da guerra às drogas, que na verdade é a guerra contra os pobres.

O olhar sobre a raça é transversal em nossa visão de mundo, uma vez que a história das mulheres trabalhadoras no Brasil é, em sua maioria, a história das mulheres negras, que foram submetidas à escravidão, ao desamparo, à violência, à discriminação e, até hoje, ao trabalho precário e mal-pago, onde são maioria. Além disso, o Mapa da Violência de 2015 não trouxe boa notícia: em dez anos, apesar dos assassinatos de brasileiras brancas terem diminuído 9,8%, os assassinatos de brasileiras negras cresceram 54%. Isto significa que o patriarcado avança por dentro do racismo, e que nossa luta feminista precisa alterar a sociedade como um todo para, assim, garantir que todas as mulheres tenham direito a uma vida que vale a pena ser vivida. ■

POR UMA SEXUALIDADE LIVRE!

Se queremos construir uma nova sociedade baseada na solidariedade, na igualdade e na liberdade, a sexualidade precisa fazer parte de nossa construção. Por isso, na Marcha Mundial das Mulheres, sempre pautamos o assunto da sexualidade como parte de nossa luta feminista anticapitalista e antirracista. A sexualidade não é livre no

Arquivo MMM



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS

Em novembro de 2015, diversas organizações do movimento negro e feminista, partidos e movimentos sociais organizaram a Marcha das Mulheres Negras. Fora cerca de 50 mil mulheres negras marchando em Brasília, a partir do lema “contra o racismo, a violência e pelo bem viver.”] A MMM contribuiu na construção da Marcha das Mulheres Negras em diversos estados. Em estados como São Paulo, as militantes negras da MMM participam na construção das atividades permanentes da Marcha das Mulheres Negras e em datas como o 25 de julho, Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha. A MMM também participa, em vários estados, da construção das marchas de 20 de novembro, Dia da Consciência Negra.

mundo em que vivemos: o moralismo, o modelo de família tradicional, a violência e a imposição da heterossexualidade impedem o conjunto das mulheres de viver uma sexualidade livre, seja as heterossexuais, as bissexuais ou as lésbicas.

Na Marcha Mundial das Mulheres, entendemos que as lutas das mulheres lésbicas e bissexuais são lutas de todas as mulheres. Por isso, participamos da construção de muitas edições da Caminhada de Lésbicas e Bissexuais de São Paulo, que acontece todos os anos para visibilizar a luta das mulheres LBT, que costuma ser ocultada e despolitizada na Parada Gay. Organizamos o Encontro Nacional de Lésbicas e Bissexuais da Marcha, em 2018, um espaço nacional de troca e reflexão das mulheres. Participamos ativamente da denúncia do terrível assassinato de Luana Barbosa, mulher lésbica, pelas mãos da Polícia Militar em São Paulo, e lutamos todos os dias por uma vida sem violência para as mulheres lésbicas e bissexuais. ■

PROCESSOS DE ARTICULAÇÃO E ALIANÇAS CONTINENTAIS

2015: DEZ ANOS DA DERROTA DA ALCA E OS NOVOS DESAFIOS CONTINENTAIS

Dez anos depois de derrotar a ALCA, movimentos sindicais, camponeses, de mulheres, ambientalistas, articulações e organizações regionais se reuniram no Encontro Hemisférico em Havana, Cuba. Foi um espaço de convergência continental importante para identificar uma agenda de construção conjunta para a rearticulação dos movimentos, dada a onda neoliberal que começava a avançar na América Latina e Caribe. Os eixos da agenda ficaram em torno de três pontos: a luta contra o livre comércio e as transnacionais, a integração dos povos e o aprofundamento dos pro-

cessos democráticos e a defesa da soberania. O encontro teve como resultado a articulação da Jornada Continental pela Democracia e contra o Neoliberalismo como um espaço de permanente de construção de aliança e unidade programática.

A JORNADA CONTINENTAL PELA DEMOCRACIA E CONTRA O NEOLIBERALISMO

A Jornada aglutina organizações sindicais, sociais e camponesas, regionais e de vários países latino-americanos em torno de uma agenda comum. Em 2017, o Encontro da Jornada aconteceu no Uruguai, e a Marcha se mobilizou muito para estar presente com 300 mulheres. Foram muitas e muitas horas de estrada para participar, construir novas sínteses e reafirmar nosso feminismo anticapitalista.

Em 2019 acontece mais um encontro, dessa vez em Cuba. Diante dos ataques a Cuba e à Venezuela, do golpe no Brasil e, além disso, da eleição de Macri, Piñera e Bolsonaro, a Jornada Continental é uma ferramenta necessária para a articulação anti-imperialista. Nesse momento de nova investida neoliberal, os movimentos defenderão os pólos de resistência socialista da América Latina e atualizarão eixos, debates e agenda de lutas. ■

GOLPE EM 2016 E AS RESISTÊNCIAS FEMINISTAS

Em 2016, a elite brasileira, aliada ao parlamento, à mídia hegemônica, ao judiciário e a forças internacionais, impôs um impeachment que retirou Dilma Rousseff



da Presidência. A Marcha, junto a um amplo conjunto da esquerda, caracteriza esse processo como um golpe. Há muitos anos, o feminismo já vinha denunciando a ofensiva conservadora e seus agentes. A reação das mulheres a essa escalada golpista foi rápida e ampla: desde a Marcha das Margaridas de 2015, as mulheres colocaram a campanha Fora Cunha no centro do debate.

O golpe implementou uma agenda de privatizações, retrocessos em direitos trabalhistas e sociais, desmonte das políticas públicas, desemprego, criminalização da pobreza e dos movimentos sociais, além de radicalizar o ódio e os ataques contra os mais pobres, as mulheres, a população negra indígena, imigrante, LGBT e as organizações de esquerda.

Esse rompimento com a democracia é um dos fatores que permitiu o assassinato brutal de Marielle, a prisão injusta de Lula, e levou à eleição de Jair Bolsonaro, em uma campanha movida pela mentira, pelo moralismo, pela ameaça. Durante o processo eleitoral, as feministas tiveram um papel central na denúncia ao fascismo que Bolsonaro representa. Por todo o Brasil, atos com o mote "Ele não" reuniram

centenas de milhares de pessoas.

Hoje o movimento feminista é uma força fundamental para o enfrentamento ao governo Bolsonaro e ao seu projeto que une o neoliberalismo ao conservadorismo, ambos perversos para a vida das mulheres e da classe trabalhadora. ■

FRENTE BRASIL POPULAR

A Marcha Mundial das Mulheres sempre participou de processos e alianças com movimentos sociais mistos, por entender que a construção do feminismo tem que estar inserido em todos os processos e ações de transformação da sociedade.

No Brasil, a Marcha atualmente é parte da Frente Brasil Popular, que foi criada durante uma conferência nacional em setembro de 2014 com a presença de movimentos sociais, sindicais e partidos. A FBP denunciou o golpe de 2016, organizou a resistência e tem sido uma referência na mobilização das trabalhadoras e trabalhadores. Junto com o movimento sindical e a Frente Povo Sem Medo, organizou a Greve Geral de abril de 2017, que paralisou o país por um dia, com adesão de muitas categorias. A MMM é parte da operativa Nacional da FBP e de sua construção coletiva e cotidiana na maioria dos estados brasileiros. ■



COMO NOS ORGANIZAMOS NO BRASIL

Atualmente, a MMM está organizada em 20 estados no Brasil.

Nos organizamos em núcleos e comitês, nas cidades e estados, e há duas maneiras para participar.

Os grupos de mulheres que tenham identidade política com a MMM, podem aderir coletivamente. Mas, as mulheres que não são de nenhum grupo ou movimento podem entrar em contato direto com os núcleos e comitês para se integrar na dinâmica da Marcha.

A MMM não é filiada a nenhum partido político, não pertence a nenhuma corrente partidária e não é vinculada a nenhum governo. Nos estados, a MMM pode ter quantos comitês forem necessários para a organização permanente e em cada local. É importante que o estado realize plenárias estaduais para discutir eixos

comuns de atuação, assim como assumir as tarefas nacionais, desdobrando-as para a realidade local. As reuniões nacionais, com representações dos estados, são os espaços de debate sobre nossas pautas, desafios e tarefas nacionais. As militantes que participam das reuniões nacionais tem como tarefa socializar todas as informações e materiais recebidos para as demais militantes do estado. Além disso, uma coordenação executiva é responsável por acompanhar o seguimento das tarefas e processos.

Para ser militante da Marcha, não é preciso chegar já com todas as informações na cabeça. Acreditamos nos processos coletivos de formação e de transformação das pessoas, pois assim aprofundamos reflexões, vencemos contradições e nos organizamos enquanto militantes do movimento. ■



Os estados do país onde a Marcha Mundial das Mulheres está organizada. Nos demais estados, temos contatos articulados.

RUMO À 5ª AÇÃO INTERNACIONAL!

Em 2020 acontece a 5ª Ação Internacional da Marcha Mundial das Mulheres, com o lema “Resistimos para viver, marchamos para transformar”! Por todo o mundo, as mulheres irão compor uma agenda intensa de ações para confrontar o contexto atual de recrudescimento do neoliberalismo e do conservadorismo, e reforçar o feminismo como resposta coletiva e antissistêmica. Unidas por uma visão global e internacionalista, as mulheres irão fortalecer a luta feminista a partir de suas realidades e pautas locais. ■

Arquivo MWM



NOSSO CANCIONEIRO

No batuque do tambor, a revolta social
Nós somos as mulheres
Da Marcha Mundial
Contra a pobreza e a opressão
Do capitalismo patriarcal
Nós vamos provocar uma revolução
mundial!
Ê, mulheres! Mulheres libertárias!
Ê, mulheres feministas revolucionárias!

Mulheres contra a guerra
Mulheres contra o capital
Mulheres contra o racismo
E o capitalismo neoliberal!
Mulheres querem a terra
Mulheres querem ser igual
Mulheres querem o feminismo
E o socialismo internacional!

Ó abre alas, que as mulheres vão passar
Com essa marcha muita coisa vai mudar
Nosso lugar não é no fogo ou no fogão
A nossa chama é o fogo da revolução!

Legaliza! O corpo é nosso!
É nossa escolha!
É pela vida das mulheres!

O estado é laico, não pode ser machista
O corpo é nosso, não da bancada moralista
As mulheres tão na rua por libertação
Os fundamentalistas não mandam na gente não!
E pra lutar contra o machismo,
venha com as feministas
O Jair Bolsonaro ele nos indigna
O feto na barriga tá valendo bem mais
E a vida das mulheres tá ficando para trás!

SEGUIREMOS EM MARCHA ATÉ QUE TODAS SEJAMOS LIVRES!

www.marchamundialdasmulheres.org.br | 11 38193876 | marchamulheres@sof.org.br

Publicação da SOF. São Paulo, abril de 2019. Projeto gráfico e diagramação: Caco Bisol. Impressão: Az Gráfica.
Apoio para essa publicação: Fundação Luterana de Diaconia (FLD)

sof
SEMPREVIVA
ORGANIZAÇÃO
FEMINISTA



Apoio:
 **FLD**
projeto de vida

www.marchamundialdasmulheres.org.br | marchamulheres@sof.org.br
www.sof.org.br